

Propriedades de um som (e dos sistemas vivos em geral)

(em condições normais de pressão, no nível do mar e a uma temperatura de 20°C, as ondas sonoras propagam-se a aproximadamente 343 m/s)

Acontece amiúde (ainda que não perdamos tempo a reconhecê-lo) que o som nos chegue por vias incaracterísticas. Se eu ESCREVER é como se tivesse gritado. E dessa escrita convencionada foi produzido um som, não menos real que aquele que sai agora da minha boca.

É ainda mais curioso este fenómeno (uma aparente correspondência entre palavras e sons) quando a palavra em si significa um determinado som ou propriedade deste. As onomatopeias são um desses exemplos, em que "cri-cri" são grilos a cantar e "muuu" são mugidos de vaca. Todo um universo de experiências sensoriais se condensam em fonemas aparentemente inofensivos.

Num outro espectro temos palavras como eco, ressonância ou reverberação, que em si contêm a propriedade do experienciável no som.

A primeira vez que nos deparamos com o eco, poderá figurar como das primeiras experiências de identificação do Eu e do Outro. Tão significativo e intrigante como a primeira mirada consciente ao espelho. O momento decisivo em que percebemos que aquele Outro é um Eu. Mas esse Eu é suficientemente dissemelhante (ou curiosamente semelhante) para que nunca mais passemos diante de um espelho sem reverendar esse outra criatura que nos mira. O espelho (ou objecto que *espelha*) é toda uma outra superfície que constrói mundo, tendo como propriedade única o existir numa fina e cristalina película que une e tensiona dois universos para sempre ligados. O espelho é quase uma não-existência. Dificilmente se olha o espelho sem se ver o que para lá da sua superfície se estende. A dificuldade dessas superfícies que *espelham* é a sua qualidade de transparecer e com isso, desaparecer.

O espelho devolve uma outra coisa, facilita a viagem da luz e transforma esses fantasmas. O eco é da mesma natureza. Devolve. Não a coisa. Essa nunca é a mesma. Porventura, desde o momento em que foi pensada, a coisa já não é mais a mesma. É já de uma outra natureza. São remanescências (restos) reminiscências (lembrados).

O eco acontece em condições particulares. O eco resume-se a dois sons separados por 0,1 segundos, representados por uma distância de 34 metros.

Eu GRITO, o som propaga-se, o obstáculo mais próximo situa-se a mais de 17 metros de distância e quando aí embate, o som regressa. A menos dessa distância não somos capazes de distinguir esses dois sons, para sempre confundidos no grito inicial. Reverberados.

Todas as palavras têm assim um retorno (tal como todas as imagens, pensamentos e actos, é minha crença). E parecem-nos banais, esses *gritos*, até ao momento em que retornam e os percebemos fora do nosso corpo, tentando habitá-lo de novo.

Há um certa qualidade humana no som, pois não sobrevive ao vazio. O som propaga-se infinitamente desde que haja um meio material.

Interessa-me que o som apresente estes *defeitos*, que sofra com o que o rodeia, que seja ou tenha uma quase qualidade social. Perante um obstáculo, o som ecoa, reverbera, ressoa. Torna-se significativamente

diferente ao longo desse percurso, como que nos dizendo que é da sua natureza fazer-nos *Ver*.

A ressonância é uma outra particularidade atribuída ao som que em muito se assemelha ao problema da/s imagem/ns. Possuem, em semelhança com toda a existência, uma personalidade *vibrante*.

Cada sistema é único, possuindo uma frequência natural de vibração. Haverá sistemas mais ou menos complexos, mas todos possuirão essa particularidade. A ressonância ocorre quando uma frequência externa coincide de forma sistemática com a frequência natural do sistema, passando o sistema a vibrar com amplitudes cada vez maiores.

Se cantar na mesma frequência natural de um espelho, este passará a vibrar com amplitudes cada vez maiores, até partir. E, em muitos contextos, esse será um feito fabuloso.

A imagem apresenta um problema (ou dilema) semelhante: podemos alimentá-la da sua própria natureza, de tal forma em sintonia, que essa oscilasse em amplitudes cada vez maiores, até que, perante a sua própria vibração, a sua estrutura não a pudesse suportar e se rompesse, em êxtase.

No som, tal como nas imagens, podemos observar, curiosos, ecos e ressonâncias. Ambos nos apresentam qualidades particulares do *Ver*, permitindo-nos pressentir, nas suas pequenas entoações, que uma demasiada consonância, certamente aprazível, está condenada, à implosão.

(Por isso, fiquei secretamente feliz por ver o cão de louça)

Cláudia Lopes